

TOCAR O TERROR

TOCAR O TERROR

Tatiana Pequeno

Cult
editora

Tocar o terror

COPYRIGHT © 2022 Tatiana Pequeno

COPYRIGHT © 2022 Editora Bregantini

Todos os direitos reservados pela Editora Bregantini. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem autorização prévia da editora.

PROJETO EDITORIAL Daysi Bregantini

CONSULTOR EDITORIAL Marcelo Nocelli

PROJETO GRÁFICO E DESIGN Negrito Produção Editorial

REVISORA Natália Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129	
Pequeno, Tatiana Tocar o terror / Tatiana Pequeno. – 1. ed. – São Paulo: Editora Bregantini, 2022. ISBN 978-65-86596-13-7 1. Poesia brasileira. I. Título.	
22-103957	CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

CULT EDITORA

Praça Santo Agostinho, 70 – 10º andar, Paraíso

São Paulo, Brasil • CEP 01533-070

11 3385 3385 • 11 9 9998 9728

*Não pare, amor
continue a dança, poesia
ainda que na morte.*

ADONIS, *Poemas*

&

*Ouço sedes, seres, coisas.
Recebo vulcões, máculas, auras.
Ofereço larvas, lodo, gozo.
Esperado ouro.*

MARIZE CASTRO, *Esperado ouro*

*Quando eu canto
É para aliviar meu pranto
E o pranto de quem já
Tanto sofreu*

*Quando eu canto
Estou sentindo a luz de um santo
Estou ajoelhando
Aos pés de Deus*

*Canto para anunciar o dia
Canto para amenizar a noite
Canto pra denunciar o açoite
Canto também contra a tirania
Canto porque numa melodia
Acendo no coração do povo
A esperança de um mundo novo
E a luta para se viver em paz*

*Do poder da criação
Sou continuação
E quero agradecer
Foi ouvida minha súplica
Mensageiro sou da música*

*O meu canto é uma missão
Tem força de oração
E eu cumprio o meu dever
Aos que vivem a chorar
Eu vivo pra cantar
E canto pra viver*

*Aos que vivem a chorar
Eu vivo pra cantar
E canto pra viver*

*Quando eu canto
A morte me percorre
E eu solto um canto da garganta
Que a cigarra quando canta morre
E a madeira quando morre, canta*

*Quando eu canto
A morte me percorre
E eu solto um canto da garganta
Que a cigarra quando canta morre
E a madeira quando morre, canta*

*Que a cigarra quando canta morre
E a madeira quando morre, canta*

Paulo Cesar Pinheiro / Joao Batista Nogueira Jr.
nas vozes de Clara Nunes, Fabiana Cozza
e Mariana Aydar

Para os sobreviventes

Sumário

- 15 a matéria simples
- 17 missiva
- 19 enigmagma
- 22 my empire of dirt
- 24 testamento
- 26 beth orton magra
sandra de sá com
quem eu mais
parecia
- 28 koba
- 29 moenda
- 30 moenda.2
- 31 moenda.3
- 32 moenda.4
- 33 moendas da barra
- 34 moendas da barra.2
- 35 moendas da barra.3
- 36 moendas da barra.4
- 37 moendas da barra.5
- 38 medusa da silva
- 40 melancolia de esquerda
- 41 salmoura
- 42 jazzer
- 43 tocar o terror

44	ilusão de ótica ou o que é um quadro?
46	2018 como arquivo
48	sem título
51	o que as mulheres podem ensinar sobre poesia
54	metamorfoses
56	lavar o peito e o espaço
58	dos anônimos
60	1979-2019
62	a mascarada
64	clarissiana 6
65	o que me deram a solidão e a fome
66	grupo de risco
68	aturdito
69	bioma brasil
72	rio dos voos
73	agenda
75	a estranheza
76	eu queria estar em denver
79	a história de dalila
82	a magnólia (com coisas da luiza neto jorge)
83	centauro com peixes advindo
85	transplantação
86	aquela teresa
88	aparecia
90	peregum
91	sem esperança entre os hibiscos
92	facção

95 chegada à praia
97 kò sí ewé, kò sí òrìsà
98 iara
 com coisas da iara ira
100 glosa: em 92 havia uma rede
 como se era uma garota
 passante rediviva do subúrbio
 acontecer era da tv para a rua
 Cilene jogadora 73 kg
 seleção brasileira de voleibol
104 sem título
105 sem pai na cabeceira
108 são josé dos ausentes
110 os poetas e o imc
111 arranque
112 os móveis que trouxe de amargosa
114 karen koltrane com coisas distorcidas
 & sonic youth
116 touch me i'm sick
119 enquanto queimo
121 “Escrevo-te para que me escrevas”

a matéria simples

quando comecei a ler livros maiores
histórias de outros mundos
os meus pés começaram a doer
e talvez fosse mesmo um peso
que ia se criando
no desconhecido
sem eu poder

quando comecei a ler livros maiores
histórias de outros mundos
as viagens para perto passaram
a ser curtas demais como a alegria
que ia se desfazendo
no silêncio
com a fome

quando comecei a ler livros maiores
sobre as coisas deste mundo
a morte já tinha sentado ao meu lado
a pele gravitava já em torno da mentira
que era o infinito

desde então
dar voltas
no mundo
que tenho
parece ser
a única
solução
para o
cuidado
comigo
mesmo
sendo o
horizonte
(como o
amor)
finito.

missiva

as paredes que caem durante
o bombardeio têm cal e pó
têm tintas arrancadas do
passado de tijolos mãos
arquétipos de ar de gentes
as paredes que caem depois
do bombardeio supuram a
pagando a valentia das fogueiras
nós surfando por baixo da água
podre como as praias que vi
na arquitetura da arrebentação
as paredes que caem muito tempo
depois dos bombardeios levantam
a poeira dos jogos mais sujos
bispos juizes ministras capitães
pm's
vírus sacolejantes na palavra das
vans

não há bombas nem morteiros
sorriem as injeções letais
clamamos por elas escrevendo
a deus nalgum muro sujo
enquanto o sagrado sucumbe

e vegeta gota nenhuma de seiva
a saciedade dos parasitas memoriza
o financiamento dos artefatos
coisas duras
imóveis
onde nascem as crianças com fardas
químicas e máscaras dessa horda
matável e vitimada pelas risadas
sinistras sobre nós sobre o futuro.

enigmagma

para cris, paisagem com buganvília

o que terá acontecido em 2016
digo
ano em que casei sorrindo claridade
no cartório
com buquês meu e dela feitos
por mim
na véspera vinha de são conrado
desci em copacabana
onde comprei muitas flores
e uma fita verde brocada

não fiquei doente em 2016
mas a presidentia se foi
e a minha coluna doeu
fiquei travada uns dias
deitada num estado duro
ouvindo gravatas do passado
acossando o presente
na sessão
(roy david frankel ensinou)

em 2016 num dia muito fresco
de outubro nós acordamos
quatro e sete da manhã
fomos até a cadeg em são
cristóvão
e nos dividimos para escolher
as flores
uma vendedora ficou surpresa
e perguntou - qual é a ocasião
e eu disse com o rosto amansado
ainda de sono
são para o meu casamento
que vai ser daqui dez horas
eu sou a noiva
e não fiquei doente neste ano

escolhi muitos ramos
ela sorria lateralmente
às seis com o sol em si

em 2016 respirei
travei a coluna
mas
meus amigos leram
suas vozes
na cerimônia

eu vestia rosa claro
ela branco
e já falávamos a palavra
golpe
nos entremeios do nosso
sim

a minha vida inteira quis
esquecer a fisiologia dos
golpes
e habitar um país e
um corpo mais herbário
que herança

preferi a luz das seis
nela
amada
ainda que finita.

my empire of dirt

para ledusha

às vezes esqueço que
há muitos anos operei
o rim direito

tive coisas impróprias na
dando dentro dele
pós, pedras, medos,
remédios, tiranias

foi um longo processo
demorei demais na
anestesia geral
não soube se eu voltaria
o doutor geraldo me abriu
entre os bisturis e as facas

soletrei nomes perdidos
entre as injeções de morfina

nos exames aparece hoje
alguém assustado
dizendo
há uma cicatriz imensa

lá dentro e
eventualmente
esqueço de avisar
que emudeço nos
exames de imagens

temo que encontrem
o que foi aberto
para ser retirado
ainda lá
pulsante
como o refrão de hurt
do johnny cash
que tocava ao longe
na cena em que me
levavam para longe
da imagem de uma
santa

a dor
que a escrita amansa
única e familiar
como um risco
cirúrgico

testamento

por anos e anos eu em mim
fiquei sem conjugar verbos
achei que soubesse alguns
perdi todos de repente
numa quarta-feira
sua voz parecia que saltava
elétrico morto depoente
por dentro essa busca
classe por classe
gramática por gramática
onde foi que eu perdi o verbo
mãe

e nem havia mãe nem pai
só o fundo dentro do furo
ir longe caindo caindo
como se cai em alguns
poemas do piero ou
da tsvetaeva
como se cai e como se levanta
sei lá como fazem os pássaros
para pessoas como eu sei que
basta um rosto menos disposto
basta uma frase mal colocada

you never knew né anjo
you always had feet and hands on
the ground
I will talk to you even without words
my well
now only us:
absence of catanas
me and that.

beth orton magra
sandra de sá com
quem eu mais
parecia

a primeira vez que vi mtv
programa de jovens ricos
impossível para quem tinha
como horizonte a sessão da tarde
havia mesmo mulheres muito brancas
esquálidas como em outro país do norte
os cabelos pareciam
estranhos voavam e eram claros
os rapazes ao meu redor custavam
a sair do transe das fêmeas sem
barriga
diziam que o que importava eram as
canções
mas eu sempre soube que era mentira
mulheres leves que os levavam às nuvens
eu noiva do rapaz de belford roxo aos treze
havia algo naquelas mulheres como um saber
para os cabelos escuros inacessível
até que vítor
meu primeiro homem

disse
seria bom você operar o nariz mas
antes disso quem sabe uma dieta
quem sabe os fios mais claros
querida
mesmo se tivermos um filho ele
terá essa nossa pele feia
eu empinava a barriga em frente
a um espelho quebrado prevendo
o futuro nenhum da minha cria
e o pai dele depois um dia disse
ainda bem que essa criança escura
não nasceu risos você tatiana é
uma garota sem humor
e eu fiz novena para nossa senhora
do parto maria muito branca me
remediava em seu colo
alisa meu cabelo mãezinha
rogai pelo nariz por este corpo
pedaços estraçalhados dele
rogai como uma mulher esvoaçante
por gente como eu e o vitor
livrai-nos do próprio mal.

koba

sobrou sempre em mim um talento
o de entrelaçar os dedos de medo
prendendo no alto a cabeleira solta
lembro de ter te dado alguma coisa
não sei mais o que foi e ficou
foi muito rápido o encontro naquela
praça nublada do centro
há dezoito ou dezenove anos
um tempo em que me pergunto
quais eram as roupas que me vestiam
não sei ainda mentir no gesto
na viveza daquele antigo talento
não sei como reaver as coisas que dei
(um ombro com escritos num coletivo)
e nunca mais foi esquecido ou devolvido

perdi.

moenda

sair da fábrica e lembrar do corpo
chegar no corpo e organizar a casa
mudar a casa e tomar posse da vinha
beber o vinho e poder ser nova

e ao sair carregar o bracelete
joia a travar a máquina
aquela que enlaça uma escolha
bendita fruta entre as mulheres
o chão sagrado das ouriças

moenda.2

como sair depois dos gastos
corpo aparado de malfeitoria
como vingar todos os emplastos
corpo o meu cheirando a carne moída

demos as mãos ficaram retalhos
estamos sem adubo para outro plantio
você pensa que aqui somos feitos de lixo
você se engana
aqui somos feitos de cascas
pedaços de pele macerada
pedaços de derme queimada
não nos acusem de não saber reciclar nosso lixo

moenda.3

que espetáculo a vertigem em hd das imagens
os mortos circulando sobre a câmera
o cemitério aberto no silêncio de são paulo
o caos na cidade que bebe a vala aberta
o ritmo de ceo dos crentes e falsos sertanejos
de fato dançamos macabramente
a coreografia sangrenta e abominável
história natural do brasil

moenda.4

vou te contar uma longa história em
pouquíssimas linhas meu anjo
versos de lembranças alguém disse
mas não é verdade
o que escrevo queima na vela dos
meus santos
o que escrevo coagula nas pernas
sobrevoa o corpo quando deito
as escápulas retorcidas na esteira
sobre o lençol branco
posso ver o que escrevo fora das giras
quando fecho os olhos antes dos domínios
o que escrevo foi amortecido pelas moendas
paira como um perigo acertado do fogo
consome as entranhas a ponto de ser dito
vamos precisar investigar melhor a víscera
e no entanto a câmara não passa em certos
lugares estreitos
vou te contar uma outra história meu anjo
e ela não tem a ver com a natureza do
teu feudo
vou começar
anote aí:

moendas da barra

se o pai estivesse vivo
talvez dependesse de auxílios
empregado de barões
patrões assinalados
cruzados
mas
antes um acidente ence
fálico
homens como ele como o tio
são mortos antes
pela cidade
pelos praças
pelo tempo longo
do vírus no prato vazio

moendas da barra.2

por trás da máscara
no transporte público
um caça-palavras
dentro do silêncio
trabalho escasso
do corpo sem escudo.

moendas da barra.3

cada poema é uma cratera
sílica funil telha lama
pedra tinteira de areia
que sobrou daquilo que
ruiu fogo bomba que se
apagou

moendas da barra.4

pode ser que um dia
os mais novos
recuperem espadas
até lá
o sumo do fígado
ensinado a eles
sendo então a
memória e o ódio
as únicas vinganças

moendas da barra.5

queria rimar acalantos
escrever livrinhos sobre
tecidos finos e nobres
ou sobre a cera das frutas
quem sabe um passeio so
bre cervejas na holanda
mas

medusa da silva

*existe amor
depois do amor
resiste o amor
depois do horror*

LETRUX, *Amoraim*

ora não há história na
poesia
existe apenas um
fio ar
rebenta
do como memória
um paradoxo entre
o que resta da
devastação
e o acontecimento

o que há é história na poesia
a narração comprovada
de que não houve messias
apenas fatos mariais
com corpos e mistérios
depois

do que resta da
devastação
e o amortecimento

só existe inverdade na poesia
inverdade porque não houve
quem quisesse saber
inverdade porque
um testemunho é sempre um segredo
revelação do que já é frágil na nudez

a poesia é inconveniente
como deus na primeira
foda
aos treze anos

sopra em mim teu canto
musa
teu riso não me assusta

melancolia de esquerda

you fez uma pergunta
por que o título não tem
interrogação
eu respondi que
não se tratava de uma dúvida
as bombas somos nós
os terroristas são eles
e pode ser simples assim
binário mesmo
neste caso
a questão talvez seja
desconectar os fios
ganhar destreza sobre os alicates
reverter as imagens da guerrilha
especialmente com o que dói
quem sabe
vamos descobrir um modo de
sentar à mesa sem morrer
alimentados pela cicuta
distantes da fome
apaixonados pelo vazio
nutridos por nenhum
consolo ou poder

salmoura

you vinha pelo corredor descalça
marinha, não vinha da fonte
era pavimento pilar piscina
nada assentava eu que ruía

jazzzer

enquanto vira a chave
enquanto corta o chicote
e a morte é pedreira de laje
os amigos partem
sobrevoando oceanos
deixando para trás o gás
tóxico da nossa fornalha de gente
seria um país
seria uma fase
mas são as amostras para quem fica
em pé e à deriva esperando a saúde
enquanto a vida escapa pelos molares
enquanto os pães endurecem e o couro
adormece mascado
gastando nossos dentes

tocar o terror

cruzar a avenida
sentido contramão
sem o samba no pé
de frente pro cristo
& despida a fantasia
estender as mãos

ó, cidade que marca
a típica voz do surdo
firma a minha bateria
afasta o camburão

ó, cidade que desfila
bossa, pó e corpo
me empresta a linguagem
antes de o brilho inteiro

tocar o chão

ilusão de ótica ou o que é um quadro?

das aulas de física
restou a primeira
contradição
se eu vejo
sou vista
a máscara

mentira

aqui
só vendendo
e crendo
influencer
em jogo
em foco
apareço

ninguém quer des-ser
quer também o direito
de ser passiva
solfejar a falácia:
se eu vejo

sou vista
& cansada de ver
máscara
invejo
quem apenas é
graça ou
hegemonia

sem guerra
a mentira
seria apenas
uma tarde
na lagoa:
ourivesaria

2018 como arquivo

foi com o peito pesado assim
ofegante que levei um tiro
vinha de longe mas era perto
ouvi o latido dos cães do vizinho
pulmões adensados pulso curto
todos os dias era anunciado um
sacrifício
e o homem com quem dividia o
andar colocou-me um selo mulher
como alguém que se humilha
e depois de outubro nada será
como foi quando parecia poder
ser um pouco mais justo
o homem claro portava uma auto
rização
parou depois de mim no portão
me disse criminosa comunista
sacou a legalidade da sua arma
deu-me um tiro fundo no peito
furou
os limites entre pleura e coração
não sei mais como respirar
caí e fiquei estirada por dias e
anos e passagens de verões

diluindo meu corpo no terreno
ilê de alguém que amei
agora território da violação
ao lado do portão
sequei e não morri
talvez seja verdade a minha nudez
talvez tenha nascido para ser
invisível

Mudo trovão acontecendo ainda, como a leve enxurrada, no oco do peito e levando-a voada para o ar leve e fino já de um molhado amai- nar, do fresco pingolejo de goteiras e caudais nos passeios, para o rodar dos trens sulcando a maresia que fica, levantando asas de água na passagem.

MARIA VELHO DA COSTA, *Maina Mendes*

aos quinze a comunhão já estava maculada
o vestido de impureza escandia até os pés
a debutante sem valsa em terraço de bom
sucesso
como terminada a estada naquele subúrbio
a história que conto na regalia deste vídeo
fita basf vhs com adesivos de gérberas
contendo mais ou menos 120 minutos
cinema antigo que data de 1994 cheio
de detalhes em salmão e tule desbotados
sou em pé olhando para o nada entre os
convidados do meu aniversário perdido
almoço vespertino em frente à igreja
para evitar o perigo dos tiros noturnos

a melhor cena do bairro enquanto o dj
esquecia de tocar a canção que eu mais
pedia
talvez fosse 4 non blondes whats up
e até hoje não sei se alguém dançou
naquela festa cujo cardápio eu não havia
escolhido
lembro apenas da demora da escova a
lisando meu cabelo comprido e crespo
um lápis escuro contornando os olhos
alguém me perguntando se eu gostava de
unhas postiças
de modo que preferi ter o rosto equi
valente a uma fronteira porque ninguém
enfim escutou qualquer tiro
embora no salão a presença representasse
uma passagem até mesmo uma viagem
ao território celebrado e mentiroso das
moças frescas mostradas como virgens
neste dia talvez um sábado quente de
dezembro ou uma espécie de açougue
tive uma farta mesa com meu nome
retrato daquela primeira forma de escrita
um vestido longo que mais me cobria a
forma infamiliar da altura e do crescimento
a cena da fita vhs sou eu abrindo presentes
esboçando amareladamente um sorriso

mas o real é a aniversariante no parapeito
segurando a cabeça com as mãos curvada
contemplando a direção do morro e a ação
pequena do tempo incidindo naquela hora
em que são cantados os anjos nos conventos
o som dos tiros amortecendo a queda da tarde
no meu cabelo alisado naquela hora sou eu
dentro do enquadramento da cena um sol
e o tamanho extragrande da melancolia.

o que as mulheres podem ensinar sobre poesia

nada se os homens estão surdos
e são como navios ancorados sem
outra cartografia possível para
navegações fundos e oceanos
as mulheres são como as vozes
que clamam solitárias no deserto
são pedras esquecidas no esmo
de cada solidão
elas estão cercadas por profetas
senhores doutores e professores
que nunca se dispuseram a perder
nenhum fiapo do tecido grosso e
poderoso que os protegem na terra
sim é verdade que todos sofremos
aqui
mas ficamos sentadas aguardando
algun lugar nas fileiras da integridade
ou temos as faces esmurradas pela
facilidade primeva dos homens animais
ou choramos derrotadas com o sangue
coagulado sob as unhas o um ou dois
filhos que perdemos na vida curta e im

pedida da nossa criação
nós é que ficamos à beira das camas
a teus pés
secando as febres torrenciais dos gênios
nunca vos pedi ó homens
leiam meus poemas
mas deixei sempre um seio livre para o
caso de sofrer de amor
os homens poderiam calar um pouco mais
ceder na arte poética de escutar embora
todos sejam ávidos pela tecnologia
olímpica dos antigos
forjam todos ferro ou cobre na alegria
dos carrascos que tatuam em nossas peles
letras escarlates
calando-nos sob pena de morte em vida ou
tortura
os homens nos reprovam rostos cinturas
palavras
cravam braguilhas fechadas em nossas línguas
e nós secamos os olhos sobre os bordados
manchados de ingratidão e de abandono
não conheço uma única mulher que não
tenha tido alguma pele furtada pelo silêncio
pelo repouso contínuo da escrita e da fala
como gestos sistematizados pelo medo

estou há vinte anos esperando aquele seu
telefonema
estou há quinze anos aguardando que você
recolha os restos de sua mãe
estou há trinta e dois anos lembrando que você não
voltou nunca mais
estou há dois meses querendo ignorar que
você gritou naquela reunião e ninguém te impediu
de continuar
estou há cinco horas com seu tom autoritário
me cobrando presença
estou viva não sei até que esquina.

metamorfoses

testemunho comovida a ginasta alexandra raisman
chorando emocionada depois de seu número no
solo

reparo no rosto dela a consciência da entrega e da
partilha

a certeza de que aquilo é o todo que um artista
pode oferecer

o choro não cabe mais nela, parece estar muito
perto de uma perda definitiva

– aquela que só o artista conhece –

até que acena para a plateia

e se vê no Outro que a devolve à humanidade
mais sublime e também naquela condição
propositadamente ‘mais pequena’

salva-se, alexandra.

sorri ao final e deixa seu abandono de novo no
solo para abraçar alguém que a contorna

pode retornar para casa mesmo sem ouro.
doou-se tanto que o que lhe falta veio por si.
diferentemente, agora, transformada, precisa
retornar ao deserto. e procurar, para não morrer,

formas de repetir esse amor que viu e ouviu nos
olhos humanizados daqueles
que contemplaram tamanha entrega

por um tempo, não há nada que fique
mas, sabemos

alexandra tem tempo.

lavar o peito e o espaço

você não está se achando
muito exigente não gorda?
foi assim que o demetrius
mestre em clássicas e dr
em cinematografia tentou
dirigir uma cena na qual eu
pedia que ele usasse pre
servativo ao que respondi
lívica e ameaçada por um
jogo sinistro de espelhos
não sou sua serva cara
acho que qualquer possível
termina com a violência
desse arremedo de diálogo
não sou sua serva cara
esta resposta foi muda
puro medo e pensamento
no plano sensível eu me
deitei na beira de um rio
nunca soube se ophelia
ou a desistente virginia
mas a verdade foi que
nem engravidei nem sorri
fui paralisada pelo tom

grave dos 188
centímetros do velho
demetrius e também
morri um pouco deitada
de bruços com meus
sussurros
você não está se achando
muito exigente não gorda?
de repente a memória se
desloca para um beijo
vespertino do sintoma
tenho uma coleção
destas cenas
mas em algum momento
amar foi se parecer com
sim exigir para mim mesma
alguma forma de proteção.

dos anônimos

olá o meu nome é o da lapela
fui encaminhada para essas reuniões dos
comedores compulsivos
encaminhamento dele psiquiatra
homem rigoroso na mesa havia uma rosa
folhas e folhas de receitas
se não houvesse grade a clientela
partia
endereço dias ferreira perto da importante
livraria
tenho vergonha de dizer o meu nome
o que eu inventei é a roupa debaixo
do nome que pus na lapela
estou aqui porque ele ameaçou me internar
sem nenhuma invenção de histeria
estou há muitos meses narrando um dos estupros
ele diz que isto não é importante
venho comendo muito
isso não é uma justificativa
embora seja
emudeci com os remédios
gravei pela zona norte uns anos
– a melhor decisão para uma mulher é começar
o seu próprio amor

venha
contrate-nos somos os vigilantes do peso
– é menina?

1979-2019

palco imenso, luz baixa

homens lendo
poesia

o frame, a performance
um papel
uma lista

xenical
lítio
imosec
imipramina
hipofagin
enalapril
desobesi
centella asiática
fluoxetina
sibutramina
tegreto1
garcinia cambogia
clonazepan
mazindol
losartana

60

bupropiona
valium
sertralina
pholia magra
metformina
atenolol
topiramato

– nasceu,
é menina.

a mascarada

eu tive o tempo curto do amor
as folhas das coisas oscilando
a luz incidindo nas horas finais
do dia
mas
as mulheres também podem ser
cruéis
podem engravidar de um amor que
não seja o seu
como se descobre por acaso na caderneta anotada
[dos ciclos
um planejamento de hormônios
enquanto eu sempre temi maquiagem
mosquitos pousando sobre uma massa
acimentada no rosto
de modo que tive o tempo curto do amor
mas se houver um poste vazio
nos sábados de aleluia
assumo o risco de ter o corpo perdido
para o abate
porque apesar de amar sempre
odiei as vísceras pacientes dos santos
e escrever foi a única sobra
que me restou do excesso

as mulheres e os homens me fizeram só
escrever foi a certidão de nascimento
e com este acaso
dar meu nome foi ganhar a vida.

clarissiana 6

tem algo que fala na poesia
não é a minha voz
caralho
nem tudo é autobiografia
mas neste caso é
embora eu não alarde
para incomodar os professores de teoria
falo por dentro do silo
não sei quantos grãos inteiros
sobraram
algas que falam na poesia
forma de vida aquática
básica ou fúngica
soterradas pela inconclusão da balística
tenho o ofício de desaparecer
toquei o terror e fui banida.

o que me deram a solidão e a fome

perguntam muitas vezes como me chegou a poesia
sempre digo que foi através das leituras
mas uma outra verdade talvez tenha mais serventia
a poesia quem me deu foram a solidão e a fome
as crianças brincando no tempo dos longos recreios
doces e alegria
comigo os dias de trabalho rua açapuva
alguma morte à faca os cortes
sabor amargo de meia fruta.

grupo de risco

nos anos da peste
enquanto sobrevivo
abro os braços
no pórtico da polícia
orgulho de piratininga
no céu vagam os sonhos
escritos da nossa extinção
cada um como obelisco
debaixo os pilares confusos
algas sem ti enredando
as raízes fundas da terra
ainda bem que as crianças
estão ficando
enquanto tantos vamos
partindo
sob a noite instalada
nesta praia de uma região
oceânica
onde nunca mais foi possível
acontecer sem perder
nesta rocha esquecida
onde teimosamente
falho
tentando escrever

mentira
certo seria
remendar
a palavra país
sua rede social
não irei mais ao
aeroporto dar
adeus aos que
estão de saída.

aturdido

de uma camada de poeira no vidro
retirei brasa e deixei impressão
quando me virei havia espelho
o que refletia era agosto
rosa especialista em espinhos
medusa eu de cabelos pelo chão

bioma brasil

as onças se despedem como os jequitibás
pouco a pouco somem caçadas como nos
tempos nem tão passados de tanques e
coronéis

brasília economiza para a piscina azul
pacífica e olímpica dos banqueiros
nos casarões construídos pela plantação
queimada

dos caboclos dos agricultores das babás
que não são amigos dos doleiros
as onças e os peixes pedem água
mas o boi é vala

e bala é lei

para a cidade que morre

é pele ralada de pasto e ruína

carne escura como massa bolonhesa

pouco afeita da mesa dos raros brasileiros

que viajam para gastar

sete moedas por um euro na itália

ou na antuérpia

meus amigos quando muito conhecem

bem pouco a bahia

mas as onças povoam nossos sonhos

sucuris serpenteiam a magia dos desafios

elas
colocam em causa a ruminância da morte
elas
explodem homens que as ameaçam prosseguindo
rastros em latência
por baixo da terra nasce uma vingança
ela virá do chão e subirá a mesa dos
mercados financeiros
implodirá o sistema de saques

por baixo da terra cresce uma vingança
ela macerará a cabeça da cidade de Brasília

e servirá o canapé dos justos na praça dos sem
poderes
um festival de água e músicos honrarão o sonho
um bioma novo cederá a nova espécie de híbridos
serão leitores úmidos de cuidados
seres comoventes
seres vacinados
mas cruéis e fortes para queimar aí a mesa repleta
dos fartos e antigos
roubos dos inimigos
os barões das grãs genealogias
um império de novos nascerá sobre o cadáver
gasto e infértil dos banqueiros em nome da
refundação do mundo

nós pós respiradores
nós depois de humanos.

rios dos voos

para andré capilé

quem me deu o colar de alabastro
a vista dos rios profundos no passeio
daquele passado no Amazonas?
Foi naquela foz que saí da imensidão
voltei com a vida partindo das entranhas
adoeci da floresta com os caboclos
falando da morte numa língua originária
meu pai sentado chorando a queda de uma ucuúba
a navegação foi o que me levou do resgate
nunca mais chegar ao medo sem proteção
ou a licença dos atabaques
mesmo com o colar no peito
há ventura no chão de mágoa em que piso
preciso
desfazer os nós
preciso
limpar os pés antes de pisar
preciso do rio para acontecer
vou
tocar o curso da água até vir o choque
voo é deixar o meu filho cântico nascer

agenda

quando um corpo caminha o que o
leva para chegar sem que haja
difícil alguma nudez
o que as carnes que queimam
varadas pela crueldade celeste do sol
lançam enquanto o assoalho pélvico
inflama
mesmo esta pergunta agora feita
no início da noite na vastidão de
uma pobre região oceânica
remete ao corpo preso nas algas
ao calçado perdido de virgínia
molestada como todas nós
(não seria esta a parte esquecida
daquela antiga teoria da fantasia?)
pela pressão aquática dos rios
depois de tantos anos ainda
mora na febre o mesmo fantasma
quem é o nosso corpo roçando
no cascalho dos muros
que foi a carne senão a loucura
sentada na calçada os pés firmes
na vingança do asfalto
muitas vezes chamei deus

e ouvi a sua decidida mudez
amargosa
contemplei sozinha
a cegueira das suas preferências
o corpo feito de gorduras
ainda assim
apaixonado pelo que
restou
nítido no estar sóbrio
sobressalente como a
despedida

te escrevo, leonard
porque não pude mais
extrair o alaranjado
da paisagem no corpo
esta nudez são os anos
nesta rua de ramos
te deixo minha solidão

a estranheza

o que tirar ou o que deixar
a conta que não fecha
cabem ser justa sobrar
falar como se fosse
possível
retirar aos poucos os
pedaços
dormir pelo sono
restituir o que não foi
anistiado pelo poema
o mesmo há trinta anos
koba
haver pedido o sonho
e nele morar a silhueta
perdida do dínamo com
pedaços da pele faltando
garfadas de amor sobrando
moer o corpo pelas beiradas
o sintoma comida
pelos que foram engolidos.

eu queria estar em denver

mandar cartas para o brazil
e assinar como as bandas
de sadcore me ensinaram
no final dos anos noventa
denver, 1998, colorado
talvez eu não fosse professora
porque sou uma latina lésbica
e meu inglês é ruim
talvez eu lavasse pratos
ou fosse assistente de alguma
creche de sonhos americanos
como ter uma vida comum
de trabalho e descansos
ter sido totalmente vacinada
ser rodeada por menos livros
e quem sabe esperar os anos
de ver algo próximo de alguma
justiça se avizinando um dia
mas
a minha canção do exílio
nasceu em forma de nunca
nenhuma de nós tem heranças
meu pai nos deixou há muito
tempo um apartamento

num bairro sitiado
mas usamos a grana
para sobreviver por um tempo
em que não me aprovavam nos
concursos
usamos a grana mas
foi investimento em
sobrevivência sabe
não tenho histórias edificantes
sobre o exílio dentro da minha
casa
a louça se acumula entre bactérias
uns dias se chora mais
noutro dia se chora menos
muita gente diz para não termos
esperança para 2022
e talvez seja só por isso que eu
quisesse estar em denver
dizem que é ensolarado e a vida
é amena
você deve estar me julgando por
acreditar que qualquer imigração
seja amena
mas a verdade é que em todos os
morros
a vida no brasil já caiu por terra
nessa canção fraturada

em cada esquina
um de nós cai
atingido
em cada esquina
um de nós migra
para nenhum sonho
em cada esquina
sempre um de nós
acorda na hora do pesadelo
e não é nenhum filme.

a história de dalila

bombshell é abertura de cortina
se tu tem casa agora reza
tudo aqui pode ser perdido
mesmo que não seja teu, anjo
nenhum de nós meteu o pé
ficou geral estalando o ombro
vendo passar na tv o número diário
de restos enquanto a caspa um fungo
arromba o preto
da nossa roupa de luto
fala como expõe a raba no instagram
fala como um pressuposto deus
fala como quem cospe no rosto da
mãe
fala como aqueles dois que torturaram
a criança
nas moendas da barra daquele quarto
sem personalidade
pobres de nós porcos sem luxo
o tempo, anjo, é todo um gatilho
aqueles homens puseram fogo em nós
o céu caiu o céu desceu
(qual é a loucura do corpo no padre?)
as imagens doem as imagens pesam

as imagens assim não faltam
os dias são arrastados como as lives
os banhos e as louças são feitos de lágrimas
baixas de garatujas animadas pelos hits sertanejos
dos vizinhos ou dos agrotóxicos
tudo o que vivemos dentro de nós
do lado de fora vira um alvo
um centro de gravidade viral
como acordar e ler as citações em alemão
de um professor jovem que quer ser emérito
como acordar e reconhecer a gravidade do
desaparecimento daquelas três crianças
como os acamados
irrelevantes
como levantar e dar de comer aos gatos
uma comida quando se tem um país arruinado
de homens e mulheres saudando os tiros
o céu (de novo)
o chorume dos mortos
bombshell haja granadas
se não há mais palavra
o pânico aveludado dos vivos
o tempo, boy, é míssil sem destino
diria alguém com muitos prêmios
diria alguém irrefutável
o tempo são os empresários palitando os dentes
depois do obituário

o tempo, boy, é não ter história ou anjo
aqueles homens puseram fogo em nós
desde cedo eu soube que não hesitariam
nada
em fazer isso
sei que eles amam a guerra
sei que todos eles lucram com suplícios
de modo que
teu silêncio me enfada
tua dieta detox me ofende
eu estou farta da nossa bondade
eu quero saber quando nós vamos perder o medo
eu quero saber quando será o nosso ataque
eu pretendo morrer pelo que brigo

a magnólia (com coisas da luiza neto jorge)

para clarissa

sair do rio e ter na pele os tiros
familiares como a demência a
colcha da cama pelo uso desbotada
a vida da infância irreconhecida

atravessar a ponte até o pedágio
rota provisória de salto no mergulho
pronta para estar próxima da praia
primeira vez em que risco a oceano
minha grafia

do pedaço de verso que me sobra
dobro o preço do aluguel mas fico
viva
querendo outros papéis
uma melhor areia
outra maresia.

centauro com peixes advindo

eu poderia ser mãe da menina morta
ela nasceria em 1995
comigo aos 15
depois de te perder em 1994
sobre o pai diria que era
um garoto de programa
mais velho mais duro
um homem retinto
que projetava para nós uma casa
na bom pastor em belford roxo
enquanto comia machos executivos
no passeio no centro
naquela época ninguém dizia vou ao centro
dizia-se vou na cidade
como se o subúrbio fosse mesmo
uma zona remota
fora da política
uma casa mesmo da polícia
meu bebê nascendo entre os fantasmas
(uma cena que se repete desde
sempre naquilo que faço da escrita)
o nascimento pelo subúrbio
aedos e rapsodos
sou uma delas

eu poderia ser mãe da menina morta
o pai chamava victor
ele dizia amor esse é o meu nome de
guerra
claro
no retorno para casa
ele me punha no coletivo
laranja de número 311
amor até hoje tatiana é
o meu único nome de guelras

transplantação

escrever do jardim depois da planta morta
descobrir quem sabe o botão da orquídea
neste inverno meu silêncio inteiro como
vestígio de terra nas páginas virando.

aquela teresa

como que se mancha o vestido
sem ser de um óleo castanho
como que se arrasta o vento
oceânico das costas sem
acorrentar as crianças aos medos
como que se toca nos fios antigos
nas contas da sua memória
ancestralidade alagada
dos seus braços que imito
quando estou sentada
essa cambraia caindo no formato
domesticado do corpo

uma frente retida e coalhada
da memória que não guardo
mas ela aparece porque não foi
esquecida

& queria saber sua voz depois
de preparar as crianças para
o sono
a bisavó
que uivou para fora de sua tribo
ainda que seus braços

mulher pousando ao lado de
panos, madeira e flores

o tempo: a infância e seu retrós
fechar a casa dos botões
armazenando as linhas.

aparecia

para danielle magalhães

naquele tempo
minha avó tinha os vestidos
cheios de pregadores enquanto
pendurava a roupa lavada
que ela sacudia com força
contra o sol
depois alisava
ajeitando as golas das
camisas do meu avô
o que eu olhava através dos tecidos
não era propriamente a pele
que faltava
mas a ausência de explicação
para o amor
para a solidão
para todas as engrenagens
do lado de dentro
eu ficava da mesa sentada
aguardando a mudança da luz
sobre as roupas
sobre o cabelo dela
sobre o susto

esperando o tempo certo de ela me ensinar
as costuras

peregum

se eu cansar, mãe
derrama sobre mim
o jazz triste sem
mansidão
se eu morrer, mãe
mói o leite das dracenas
toca a espada roxa com
que fui nascida
despeja o banho final
da minha revolta
que nunca quis ser
tão molhada ou tão seca

reinou em mim a dança
do pé no chão sagrado
peregum levou para longe
toda folha que em mim fosse
apodrecida

sem esperança entre os hibiscos

bem tarde para descobrir que os poemas
de amor são feitos do silêncio na casa
a mão que treme e fala mesmo é folha
alguizar meu inventário das perdas
a partir do dia e do horário em que
se pousa uma rama sobre cada partida.

facção

joice é gorda e é chamada de porca
as feministas não ligam porque
a farm é estreita e a passagem
pequena
joice é repugnante mas não devia
ser chamada de porca
porque as porcas são rosas
e gordas
joice é escrota
mas não é porca
é gorda
as feministas não gostam de gordas
os homens intelectuais também não gostam
de gordas
só de pequenas moças com vaginas rosadas
em geral depiladas
como crianças
que animal seria a mulher escura e gorda
se não fosse a joice
seria um desenho?
os risos incidem sobre as porcas
nem tão rosas ou gostosas
como as feministas brancas
e os gays das academias

nem como as escritoras boas
o/as poetas pensam na saúde das gordas
por isso vibram em xingar joice de porca
porcas comem lixo
gordas são banidas para baixo dos pisos
elas têm pesos pesados e caminham às
vezes como mamutes sagrados
mas ninguém se importa com a pisada
e a potência das gordas
nem as feministas das passeatas
todas magrinhas e fadas
sem suor ou lâmina afiada sangrando
entre os caninos seus dentes
na dúvida silencie as pragas
essa gorda precisa de nutrólogo
caia fora
vamos para a sessão de endocrinologia
hoje completamos – diz a notícia – seis mil
bariátricas
mulheres costuradas dentro e fora
nos leitos algumas vivem as
outras muitas que se foram
(mortas)
quando eu morri alguém me disse
– querida, você está desaparecendo
mas
há males

(para porcas sujas
não rosadas)
que vêm para o
BEM
bem-vinda para
fora
do mundo das
gordas porcas

chegada à praia

aporto no meu desejo desta praia
este acontecimento sem o qual
não houve mais outra notícia.
esbarro no caminho da fantasia
assisto ao desenrolar das minhas
inúmeras quedas. recolho os restos
da minha própria peça sem mais
poder interpretar a mim mesma em
que naufrago e boio sem me saber
escafandro ou peixe ou ouriço.
chego sem ar para recuperar a voz
a alternativa de ser densa, acústica
as últimas palavras são devoluções
elaboradas do meu luto mais antigo
e o que me sobra vai bordeando outro
contorno. tão lento que retorno ao
mar alto nos dias de mergulho sujo.
volto. estás lá. ou aqui, marejada
muitas vezes pelo meu talento pouco
profícuo com a palavra, o drama e a
sorte do meu encontro com o Real
ou mesmo do que resta deste mar
em ti comigo. penso que cheguei à
praia e mais uma onda atravessa a

frágil conexão com a terra neste
vício de navegar muitas correntezas
e de me dizer na vaguidão da espuma
sem tampa para meus orifícios.
quisera eu que fossem sem custo todas
estas tantas metáforas para aceder a um
mínimo de certezas porque não poderia
nunca não dizer desta mútua insistência
que é a de chegar ao mais íntimo
do que nunca pensamos e estar
no mais dentro de tudo aquilo que dói
e é:

sem nome como foi ou é
o amor desta transferência

kò sí ewé, kò sí òrìsà

a primeira vez que ele se mostrou
não vi porque já dançava em mim

iara
com coisas da iara ira

coso para te contar da terra
mas dela não falo porque sei
que você dança entristecida
a melancolia das nascentes
na paralisação do magma
desta inimizade que vem sendo
a extinção

no vagido das folhas entre as
pedras do teu rio que corre
agora vazio
se ouve
o eco vigoroso da raiz
subindo até o corpo das copas
mãe da manhã iara

quando protejo a cabeça ou
aquiesço sob teus banhos
a vida me é possível
as vísceras não doem
e no ronco eu sei de cor
a coreografia azul-clara

e amarela rodando
cabelos arvoredos
lírios abertos
teu balé de mim

glosa: em 92 havia uma rede
como se era uma garota
passante rediviva do subúrbio
acontecer era da tv para a rua
Cilene jogadora 73 kg
seleção brasileira de voleibol

em 92 havia uma rede
e eu não tinha altura
vivia de promenades
até a praça das nações
inebriada pelo perfume
dos fritos saídos do
buraco entre a uranos
e bonsucesso
em 92 foram os homens
que venceram no vôlei
nisso não havia novidade
para quem precisava con
ferir o tamanho de frente
para a rede alta como um
céu
antes de se aprender a cair

pois não era bem certo
querer ir ao clube
solicitar a matrícula
era caro o bonussucesso
futebol clube
pechinchar para jogar
sempre me lembro
gingar para aprender a cair

quanto você pesa
perguntou o treinador
doze anos e está desse
tamanho
minha filha primeiro vou
arrancar teu couro
fazer tua gordura sair
pelo olho
vou te desfigurar
ia ser mais tempo sem rede
quanta andança nesse tempo
tanto de chorar e doer
para aprender a cair

aulas de vôlei não tive
fiquei dois meses nas
mãos cruéis do sádico
subindo e descendo

arquibancadas
suando a mácula
pelos poros
enquanto outras me
ninas aprendiam o saque
o passe correto para as
cortadas
eu distante perdia entre
os degraus e os dedos
aquilo que não tinha
um modo seguro de
ficar em pé
ganhar impulso
para não aprender a cair

na volta para casa
o vento da linha férrea
limpava meu rosto
passar pelo buraco
(na zona norte não
se falava nunca túnel)
um cem número de vezes
em todas as semanas
me vincava à alguma
geografia
& de todo modo
sem nenhum saber

do vôlei ou do desejo
aprendi a tecnologia
das passagens e dos
buracos
os homens venciam
eu não podia me aproximar
das redes
então aos doze
descobri que para ser
atacante
ou jogadora de defesa
era preciso sair
jogar sem rede
quase sempre só
foi o treinamento
violento
que se repetiu
anos a fio
até virar o
ensinamento
defender o corpo
a bola
para não cair.

Niterói, agosto de 2021, assistindo aos Jogos de Tóquio

*não quero pregar ou convencer. só quero ter
o direito à afirmação, que é muito modesta.*

LOUISE BOURGEOIS

gordura
adorável
cordura

porra
nenhuma
revide.

sem pai na cabeceira

*No centro da sala,
Diante da mesa,
No fundo do prato,
Comida e tristeza.
A gente se olha,
Se toca e se cala
E se desentende
No instante em que fala.
Cada um guarda mais o seu segredo,
Sua mão fechada
Sua boca aberta
Seu peito deserto,
Sua mão parada,
Lacrada,
Selada,
Molhada de medo.*

BELCHIOR, Na hora do almoço

na foto apareço na sua frente
a sua mão pesada no meu
ombro
alguém dizia antigamente
que eu tinha a cara nordestina
da minha avó

sendo que diferentemente dela
sempre carreguei um corpo pesado
botas ortopédicas para consertar o
passo
a sua cor de pai quase não aparece
imagem amarelada quase perdida
três ou quatro fotos nossas aquela
outra de um fim de tarde em araruama
você leria as minhas cartas depois do
desaparecimento?
você escreveria alguma resposta para
o que eu não sabia?
eu sempre soube que era mentira e
talvez por isso naquele dia do grito
uma voz que saía do telefone em
são cristóvão
eu tenha decidido parar o tempo
eram os deuses cercando o forte apache
seu corpo migrava (essa nossa história) noutra
[procissão
todos os segredos sobrevoando a paragem do tempo
minha dor nos pés nas botas ortopédicas
crescer
endireitar a árvore ser frondosa como os
animais do brinquedo
você um fruto que eu guardei até murchar
no último dia das festas

sem poder parecer
de outro país
você é a criança órfã dos apaches
querida moça macabéa
ex-mulher-bomba rediviva

são josé dos ausentes

do meu pai não tive as mãos pedagógicas sobre o
[volante

e mesmo sabendo que era um
campeão de vendas
na arte de ter sócios sempre fui horrível
meu pai não me ensinou a dirigir
a negociar empréstimos
pelo contrário
fiz dívidas
não quis dar o nome dele a ninguém
e em todas as mudanças
a fiança da casa que não tenho
lembra
a herança cuidadosa que ele deixou
do meu pai lembro o ancinho
o medo de subir e as quedas
a cabeça aberta muito cedo
e a lagoa fluorescente nos verões
da estrada araruama - iguabinha
do meu pai digo sempre a sua pele
a casa onde nunca vi agosto
com carnes linguíça ou cerveja
em meu casamento ele não esteve presente
nem nas vezes em que precisei usar a furadeira

meu pai se dissipou na minha neblina
uma aura com peixes alados
ficou como uma ária marítima em voz errada
que entretanto canta comigo todos os dias.

os poetas e o imc

elas chegaram ao ponto
de exibir no feed uma
dócil salada
tremi a tarde inteira
porque mancha o
sangue
a altura da glicemia
não sei o que brilha
mais no verso másculo
e o que o agencia se
o amor heterossexual
os olhinhos claros
ou o orgulho macho
deles todos com suas
meninas poetas
bem magrinhas

arranque

de tarde li teu nome junto a um guepardo
caminhei com as mulheres que ninguém
atiça socorre ou deseja
na real já são mais de seiscentos dias
tudo gira tudo desaba e o que sobra não
enobrece
no meu tímpano ficou uma nota ao longe
sei dos graves aprendi com as vísceras
o risco na contramão do sentido
sabe como é que é
durante muito tempo
dedos invasores tomaram conta de tudo
o que sobrou do corpo foi essa nudez
dos regimes nos subúrbios
sei que você teme que eu diga seu nome
não se preocupe
piso com força no seu corpo imaginário
com vigor me desembaraço em todas as giras.

os móveis que trouxe de amargosa

dos móveis que trouxe de amargosa
restam
um aparador usado na cozinha
hoje no banheiro
uma cadeira de plástico em que
alguém escreveu o meu nome
abaixo de um adesivo de uma
campanha de dilma
em amargosa conheci uma mulher
com este nome
deitei com ela
ela deitou comigo
não posso dizer que profissão tinha
pois não quero magoá-la com esta
provável exposição
além da cama
nos víamos às quartas-feiras na
praça depois das dezoito horas
sentávamos nos bancos e não
falávamos quase nada sobre
nossas diferenças (escurecia)
apenas
ela me dizia pegando com
discrição algum cacho

é muito lindo o seu cabelo
& no dia em que o caminhão
saiu da cidade com a minha mudança
uma cama, livros, cadeiras, apara-dor
roupas, sapatos, panelas, discos
estivemos depois juntas numa esquina
dilha levou um envelope com o que
ela dizia ser uma lembrança, presente
e quando abri não havia carta ou palavra
talvez fosse um modo de significar a nos
sa mudez
era um pequeno pedaço de seus
cabelos
e nesta época em que eu ainda não
podia amar
coloquei os fios entre as mãos
cheirei
e um vento vindo de brejões
levou embora sua dádiva
não houve lágrima talvez
um segredo trocado um
sussurro
algo como uma voz que
se desfaz no avançado
dos minutos e diz
– talvez não devêssemos mesmo
durar.

karen koltrane
com coisas distorcidas
& *sonic youth*

para karen marcella, em sua memória

*Karen's moving out
Out into the sky
Karen trips on a cloud
Sets down with stars in her eyes
She's alone in a room
She's deep inside of her mind*

*Karen, you're hanging on the line
Wrap your coat tight around
Karen, your eyes are on the prize
I'll catch you on the way down*

eu saberia se você associasse um blues
mas você era de gêmeos
preferia dança árabe antes de montar os
croquis
mergulho fundo sem pé na areia, mana
quadril que se rondavam no palco
mais egípcia que tebana
por aqui é sempre muito estranho o
seu nome agora impossível e vazio

a nossa última conversa foi uma
foto que te enviei
você segurava um adesivo comigo
tinha uma presilha de flor no teu
cabelo clareado colorido
você escreveu em negrito
garota, sinto tanta saudade
de toda essa aglomeração

não deu, querida
sobre os desastres
e a despeito do
luto
te aceno
para aquela esquina
onde fomos felizes
aglomerados
por quatro ou cinco
horas naquele ano
difícil e fatídico
que se repete
a despeito da
plantation
aquele ano
como este
como hoje.

touch me i'm sick

a primeira vez que vi
o terror
eu era ainda uma criança jovem
alguém tinha morrido e ouvia
sua voz no banheiro dos fundos

a primeira vez que vi
uma mulher
tocar o terror
ela usava saltos
era uma baixista loura
não era nenhuma garotinha
e cantava um cover do mudhoney

com vinte anos
saí da central de atendimentos
em que trabalhava recebendo
xingamentos
e fui a um show de rock
com roupas de recepcionista
mas eu usava saltos
e imitava
a kim gordon

tudo o que eu sabia
com o que tinha

apesar do sintético
em excesso
tudo que aprendi naquele dia
foi a gargalhada dos homens
que me perguntaram
se eu sabia o horário do
último ônibus para caxias

(tecido barato
uniforme de
tocadora de
terror
trabalhadora)

sinto falta de ter amado
antes mulheres latinas
kim gordon
a confusão é sexy
todavia
los angeles
nunca traduzirá
beleza ou terror

como
caxias
rio ou
bahia

enquanto queimo

saídos dos braços abertos
das miniaturas de minério no
fundo antigo dos lagos
para ver e ouvir a horda de
bárbaros chegados
palitando a massa apodrecida
entre os fonemas e os dentes

o terror é amar neste sítio
tão frágil feito o mundo
tocava sophia

toco o poema
e de repente
aparecem dois bois
sendo tocados na
direção da água
nos sonhos ainda é possível
guardar as sombras
& talvez mesmo na ocasião
dos pesadelos se guarde
o horror do pasto ou
uma paisagem outra:

os bozinhos tocados para longe
amostra afetiva de passado
quem sabe alguma vez
existiu a mansidão

agora a orquestra ensaia
nossa canção o hino
bovino
música de respirador
na pauta o sumo do compasso
encíclica dos apoiadores
os aerossóis dos assassinos
sobre a carne moída do horror.

“Escrevo-te para que me escrevas”
Um arco singular, M. G. Llansol

para mim ficou claro que
escrever era acenar
hastear uma bandeira
de trégua entre quem fui
e quem era
tempos e tempos nesta lida
escrever era mastigar
um grosso volume de esperma
na boca
escrever foi depois de desaprender
a palavra ânfora
escrever depois de morrer
a ruminação dos abandonos
equina
sem galope ou estrada
escrever era sentar no meio do
terreno
nas enchentes e insolações
sentada dolorosamente sobre a
coluna
animal menina

...

escrever não vale o seu canto
agora falo do lado de fora das
amardilhas

escrever só veio depois do meio
dos terrenos
sentada ou deitada nos campos
cercada pelo charco pelo horror
sufocada pela pedraria

como na cena de lara brown
submersa pelo peso da água
antúrios raízes comprimidos
as vozes mais herméticas
transparências fluviais
afogamento
como a morte pode ser luzidia

escrever é sobre traduzir
o gosto ácido do combustível
o gozo ressecado
saliva oleado ritos funerários lama
escrevi para poder cantar
quem sabe agora eu queime
a losna meu pranto água de artemísia

122

...

a trilha sonora do terror
eu mesma toco
desde cedo
com meu corpo encharcado
violoncelo ou partitura
a repetição do meu nome trocado
escrevo finalmente
porque cansei de colecionar
desagravos tantos restos
sei de cor as pontas dos dedos
desnudando meu peito
riscando à unha minha pele
esse órgão enorme
eu mesma toco
o som de cada tecla
a escrita
dando o terreno
oferecendo galope
flâmula fôlego
para além do cercado

(todos estes poemas foram escritos no Brasil entre 2016 e 2022, anos em que, a despeito de nossa imobilidade e impossibilidade de fuga, traçamos rotas de saída ou de sobrevivência. este livro encampa uma produção tocada pela mobilização e pelo risco iminente de formas cada vez mais violentas de ruptura. são poemas que respingam um ar líquido contaminado, são pequenos anticorpos entre a inimidade, o cancelamento, o silêncio e o brutalismo. por isso, seguem as linhas traçadas pelo artefato anterior, mas tendo modificadas integralmente a explosão e a surpresa. ficamos a postos durante o assombro, imobilizados pelo susto. para fugir (para onde vamos?) sem saber qual rota traçar, conjuramos, mas sem clareza ou direção nenhuma. num pequeno jardim, entretanto, pudemos reunir um peregum, um som, algumas palavras e alguns vivos, mesmo na convocação para a mudez. dispusemos então de instrumentos de sopro para tocar para longe o horror. tentamos recobrar os sentidos depois da solidão, dos abandonos, do choque. rumamos a um farol, mas ainda num pântano, entre a paralisação e a trilha das pequenas joias naturais entre alguns sussurros. um livro é algo (em) que se toca, mas só

depois das hecatombes e da satisfação trágica dos tipos mais cruéis e corrompidos dos primatas. a poesia aqui não é uma moção de repúdio. é espasmo da sobrevivência, acordo com o futuro, arqueografia sobre alguns impossíveis: pétala guardada entre a escrita do trauma, a beleza e o fim.)

Na seda púrpura, traços de oceano e de céu indicam tempestade. Um pequeno navio, plantado no meio de duas ondas altas como ele, está à deriva. Falta pouco para afundar, poderia-se dizer. No canto esquerdo da página, entretanto, um farol lança braços compridos em direção ao mar. O foco decepta as trevas e, forte como um desejo, leva com segurança o barco rumo ao mar aberto.

ADRIANA VISNARDI, *Sonhadora, de Vésperas*

forte como um desejo é a escrita e o seu sim

*região oceânica de niterói,
janeiro de 2022.*

*522 anos do início da plantation,
6 anos do golpe que depôs a
presidenta dilma vana rousseff,
4 anos do assassinato de marielle franco,*

*no início da terceira onda
de covid-19 no brasil,
com quase 620 mil mortos
desde março de 2020.*

*que não haja paz para
neocolonialistas, golpistas, fascistas e
neofascistas, misóginos e assassinos.*

Esta obra foi composta em Electra
e impressa em papel pólen 90 g/m²
para a Cult Editora, em abril de 2022.